

Os Direitos da Criança



PORTE
PAGO

Quinzenário * 14 de Junho de 1980 * Ano XXXVII — N.º 946 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Os Direitos da Criança

Falei há quinze dias em cartas e recados sem conta que nos chegam com problemas de garotos, sintomáticos de uma grande ferida familiar que, a não ser curada na origem, nunca mais tem fim. Ocupar todo o jornal com estas notícias dolorosas, não. Mas é bom que se insista no seu conhecimento, para se não pensar ingenuamente que a solução está toda e só em internar os filhos, deixando os pais na reprodução de casos semelhantes e consentindo uma mentalidade social de «laissez faire, laissez passer» negligências graves que são caldo de cultura de crimes e criminosos.

Recordo uma vez mais aquela afirmação de Pai Américo que, de tão pouco ouvida, infelizmente, ainda não foi ultrapassada: «É mais barato prevenir crimes que sustentar criminosos».

Uma carta de Religiosa trabalhando no centro do País:

«Hoje, ao regressar de meus afazeres fora de casa, tinha à

minha espera uma pobre mãe banhada em lágrimas, pedindo que a ajudasse a encontrar um internamento para seu filho de 10 anos, porque a criança está desorientada: rouba tudo em casa; anda a dormir na rua; não conseguem fazê-lo ir à aula e, apesar da professora dizer que ele é esperto, não consegue progredir e anda apenas na 1.ª ou 2.ª classe.

Ao indagar qual o ambiente familiar, verifiquei que não é dos melhores, pois a mãe muito nervosa, não se controla, apesar do tratamento nesse sentido e parece que as discussões entre ela e o marido são frequentes. Enfim, uma série de circunstâncias que dificultam a adaptação da criança ao lar e à vida.

Pergunto: seria possível o internamento aí, ou poderá o sr. Padre fazer o favor de me indicar outro sítio onde pudéssemos tratar deste assunto? É certo que a criança tem pais; mas infelizmente a formação deles parece ser quase nula!... e as crianças são as vítimas.

O pequeno tem uma irmã com 7 anos e a mãe receia que ele lhe faça mal na ausência dos pais. Que poderemos fazer? O próprio médico em Lisboa, aconselhou o internamento, mas lugares encontram-se poucos ou nenhuns!»

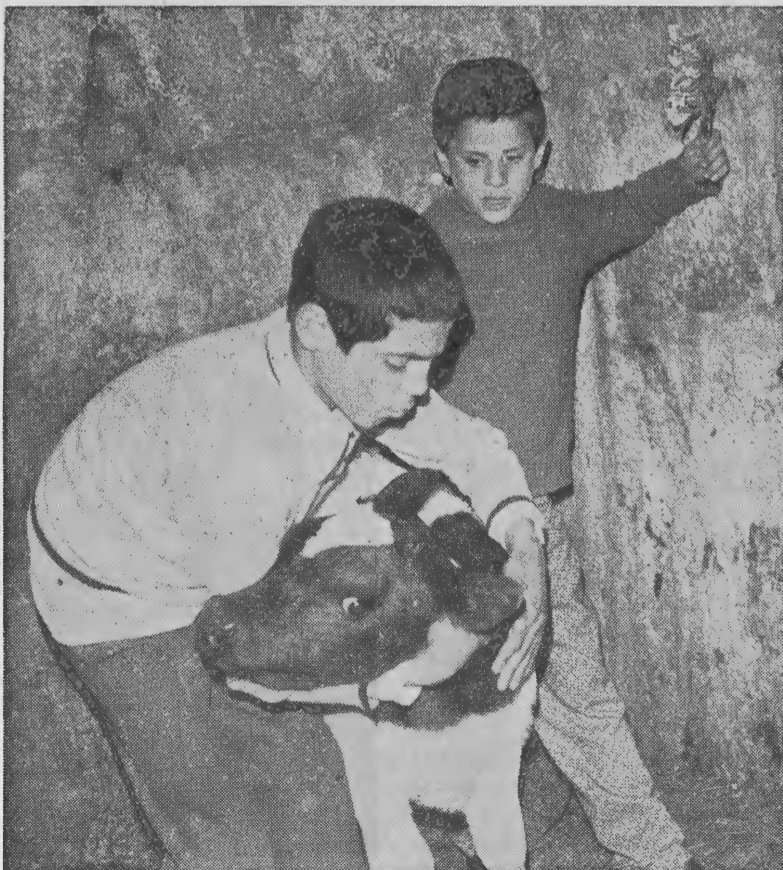
A própria mãe do garoto escreveu também. Ouçamo-la a pormenorizar o que a primeira carta descreve:

«Eu tenho um filho com 10 anos e queria pedir ao sr. Prior se mo podia internar.

Eu sou uma infeliz. Tenho tentado dar cabo de mim porque não consigo aguentá-lo. Já estive internada no Júlio de Matos três vezes e não sei como será o meu fim. Tenho que andar a trabalhar. O meu marido trabalha na fazenda, não quer saber de nada. A professora do meu filho diz que não o consegue ter na Escola nem o pode aturar. Foge de casa, tenho que andar à procura dele por todo o lado, rouba-me dinheiro, dá-me cabo de tudo quanto tenho em casa, arromba-me as portas, parte-me os vidros das janelas. Todas as coisas que ele pensa, faz a qualquer pessoa; não me tem respeito nenhum, ainda se revolta contra mim. O pai não quer saber dele para nada. A professora disse-me que eu fizesse queixa dele à Guarda. Mas ele quando percebeu disse logo que não tinha medo nenhum da Guarda.

O meu fim vai ser triste. E se eu não conseguir internar o meu filho, não posso aguentá-lo e não sei o que lhe hei-de fazer. Não tenho nem uma única pessoa que me queira tomar conta dele e eu tenho que trabalhar.»

É notório que se trata de uma família doente, pela qual há que tentar-se algum remédio. Os distúrbios do rapazito são uma denúncia de um mal maior de que ele foi atingido. Não é necessária nenhuma análise profunda para os compreender e os explicar. Ele é vítima; não causa. O que seria



Assim, com um meigo abraço no vitelo, «Falconetes» esquece o lixo das Ruas.

Cont. na 3.ª pág.

SETÚBAL

Dia 1 de Julho faz 25 anos que Pai Américo começou esta Casa do Gaiato. Uma data jubilar que celebraremos com alegria e acção de graças.

Vem o nosso Bispo. Vem os Padre da Rua. Muitos Rapazes de outras Casas. Que venham os nossos Amigos. Que venham, sobretudo, os Rapazes que aqui criei, pelos quais fiz quanto pude.

Padre Aclio

NOTAS DA QUINZENA

● Eu precisava de escrever para o jornal, mas não havia maneira de encontrar ambiente. As voltinhas na casa-mãe encontro a senhora D. Virgínia e desabafo-lhe: — Preciso de escrever, mas hoje, só na mata é que conseguirei alguma coisita. Resposta pronta: — Porque é que não arranja um stock de material, para estas aflições assim?...

O sol estava quase a pôr-se lá em cima da última montanha e poucos minutos me restavam para escrever à sua sombra e à sua luz, lá no meio das mimosas e dos malfardados codeços. E aqui, tudo nos distrai: lá do outro lado, os miúdos, aos gritos, por causa da bola; a praga das motorizadas sem silenciador; cães a ladrar, a anunciar a sua vigília da noite; os melros a cantar, parecem aflitos à procura dos seus ninhos. É uma orquestra, a Natureza. E já me esquecia dos grilos e depois dos ralos a acompanhar o anoitecer.

Se eu tinha o tal stock... o que eu perdia hoje! No entanto é sempre bom amealhar, para os momentos da fome! Só que a nossa vida, com abundância ou sem ela, tem que andar! A noite escura aproxima-se e as estrelas não dão luz que chegue. As letras negras, no papel branco, parecem brancas também. Distraí-me pelo caminho e atrasei-me por causa do «Gordo» que andava a pastar a égua do Neca. Ela trazia feridas no corpo, cobertas de mercúrio e pensei que fossem feitas na altura em que mandou o «Duque» para o Hospital apanhar oito pontos na cabeça. Mas não. Ela caiu sózinha e o «Duque» também, mas cada qual no seu dia. No dia dele, foi um susto valente. Quando soubemos, já os nossos Bombeiros estavam com ele no Hospital. Dedicados e eficientes no serviço dos Outros! A eles vamos recorrendo quando precisamos e eles sempre tão disponíveis. Eles, a lição do servir! O «Duque», a lição de cair... As duas ligadas, para aprender e ensinar!

● Duas mulheres pobres, caídas na miséria de viver. Uma é mãe solteira e a outra é casada, com marido e muitos filhos. Não é o caso de «mães solteiras», aqui já falado. É outro caso, outra história, outra vida! A casada

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

PAULO JORGE — Há algum tempo que ando arredado das crónicas do Tojal. Uma vez por falta de tempo, outras por falta de motivação e outras ainda por, aparentemente, não haver assunto.

Era nesta última situação que me encontrava quando adverti para o facto de hoje (dia 1 de Junho) ser o Dia Mundial da Criança. Mas este facto por si só não seria suficiente para me motivar a escrever, avesso como sou a estas efemérides. Passou o Ano Internacional da Criança cujo saldo sabemos qual foi... Mas eis que surge o Paulo Jorge. Anda entusiasmado com a ideia de ir à praia. Todos os domingos quer ir à praia e convida aqueles que ele sabe terem carta de condução para o levarem à praia. Foi por isso que ele me chamou à entrada para o refeitório. Mais tarde, no bar, enquanto esboçava algumas linhas para O GAIATO, veio novamente ter comigo. Deu-me a ideia de querer escrever o seu próprio nome. Dei-lhe papel e esferográfica e, por instantes, confesso, tive a ilusão de que o Paulo Jorge iria mesmo escrever o seu nome.

Tem seis anos. Veio da Misericórdia de Lisboa e era na altura um quadro bem vivo de descontrolo nervoso e atrasos, mental e físico. Na origem uma infância que se adivinha próxima da tragédia, atestada não só pela separação dos pais, cada um para seu lado. Veio dos meios da especialidade, onde os recursos materiais não são problema e as técnicas disponíveis mais ou menos sofisticadas, só respondem a algumas coisas. Por essa razão e porque esta criança passou a estar «a mais», veio parar à nossa Casa. Veio para o meio de nós que não dispomos dos meios grandes aos olhos do mundo. Veio e o progresso tem sido grande. Progresso que foi já observado, com admiração, por elementos da própria Misericórdia. Tem pulado, tem brincado, tem aprendido e, sobretudo, despertado. Tornou-se já um pequeno prodígio da Natureza e dos esforços feitos para suportar a sua instabilidade. Nas Festas, considerámo-lo como o mais vivo, o mais activo, aquele que decorou (vejam só) com grande fidelidade as letras das canções. Seria normal o espanto, se não tivéssemos acompanhado o desabrochar desta criança. Uma autêntica revelação, um verdadeiro sonho, que em certos momentos nos emociona até às lágrimas.

Tudo isto é devido, sem dúvida, à integração da criança num ambiente saudável, de são convívio, de carinho e compreensão. E nós não temos as condições suficientemente necessárias para crianças do tipo do Paulo Jorge. Faltam-nos recursos humanos... Mas fazem, aqueles que estão, o que é possível, o que está ao seu alcance. Faz-se. Não se fala, não se discute. Não se fazem palestras nem mesas redondas, nem se cai em comemorações destituídas de conteúdo. Faz-se. O caso do Paulo Jorge é testemunho disso. Há quem diga que não aprende a ler. Que o seu

caso é muito sério, para não dizer triste. Pode ser que assim seja. Mas eu acredito que muito está ainda por operar de progresso nesta criança que se manifesta ansiosa, viva, que parece querer agarrar tudo. Talvez não aprenda a ler, mas nos rabiscos que retive, feitos por ele, identifico perfeitamente os algarismos 1, 2, 3 e 4...

Jorge Cruz

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Foi tintureiro numa fábrica do Porto. Gastou a maior parte da vida lá e cá, de manhã à noite, de taleiga na mão.

A região onde vivemos é já um dormitório do chamado *grande Porto*; a qual, pelas suas potencialidades, seria cada vez menos, se os estudos elaborados fossem concretizados. Mas os homens ou organizações com vocação para criar riqueza ou dinamizar progresso, caem tolhidos ou vencem pensando.

O tintureiro foi auto-construtor nos anos 50/60. Não vamos descrever o duro calvário, que durou anos — apesar de lhe darmos a mão. Nem vamos falar de problemas com os filhos, que muito ama. São dores curtidas na carne e no sangue — mais duras na alma. Vamos só revelar uma angústia recente, que resolvemos de imediato: está convalescente de melindrosa operação e precisa duma cinta. Mete os papéis e nada! *«A Caixa, agora, não paga cintas! A minha fica por 600\$00. Como sabe, vivo só da pensão de reforma, tão pequena...!»*

Não foi tarde nem foi cedo. Foi na hora!

— Tome lá. Vá já comprar a cinta. O homem suspira, aliviado. Solta uma pequenina lágrima. Abraça-nos radiante. — Ah q'alívio!...

Suprimos. E denunciámos! Acima de interesses pontuais há que não descurar, em toda a linha, a saúde dos Pobres.

● Um casal idoso vive de magra pensão. E o filho tem botado a mão consoante pode, pois trata-se de um humilde operário com família organizada. Quanto desejaria ele ver os pais com o mínimo de subsistência, sem terem de recorrer a outrem!

Sublinhamos a mentalidade sadia deste filho, numa sociedade que evolui em sentidos diametralmente opostos!

É que a gente topa — como nunca e a cada passo — a marginalização dos pais, da terceira idade, por muito que se faça ou tente fazer em contrário, sem atingir directamente as famílias — a Família — em regiões ditas cristãs, onde seria mais fácil... a denúncia — para a formação.

O vicentino convence o filho, sem imposições, à moda de Ozanam. É presença de Amigo que diagnostica e procura suprir carências, discretamente. Entretanto, além do mais, vem a saber de uma dívida do casal, já muito antiga, no merceiro, contraída

por uma filha que *anda por lá* e que o velhinho vem diminuindo, arrastadamente, com muitos nadas do seu pouco, subtraídos ao estômago do casal! Eram seis contos e tal. Hoje, pouco mais de quatro...

— Eu só morro descansado quando pagar tudo. Não queria morrer sem arrumar contas!

Mas Deus é grande em Suas obras! Revelado o segredo e a angústia deste homem honrado, o vicentino foi pronto a entregar o suficiente para saldar contas: 5.000\$00. Mais algum para suprir omissões.

PARTILHA — Rua da Bombarda, Lisboa, 100\$00 em vale do correio. Assinante de Paço de Arcos continua a partilhar o seu vencimento com os Pobres: 2.200\$00. «Por alma de meu marido, que era um grande admirador do Padre Américo», 200\$00 da assinante 373, residente na Avenida da Boavista (Porto). «Por uma pessoa que sofre crise horrível de desânimo na vida conjugal e quer ser fiel até ao fim», 1.000\$00. De algures, «em sufrágio da minha família», 300\$00. Do Porto, 300\$00 «para um casal de idade». Assinante 13519, 1.000\$00 «de Maio e Junho», entregues no Espelho da Moda. Assinante 19177, também do Porto, 20\$00, «promessa de todos os meses, enquanto for viva». Uma grande Amiga da Caixa de Providência da Indústria Têxtil (Porto), 200\$00. «Uma portuense qualquere», 250\$00 e mais 100\$00 «que não contava receber». Anónima da Rua das Mercês, Porto, 100\$00. O casal-assinante 17022 com 400\$00 relativos aos meses de Abril e Maio. Por fim, 500\$00 de algures e uma recomendação: «Peçam ao Senhor por aquele que foi, é e será sempre uma nulidade». A Humildade dos homens grandes é assim mesmo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

INICIATIVA DO CORVO

Olá Amigos! É a primeira vez que me resolvi a escrever para vos dar notícias da nossa Casa. Começo por vos dizer quem sou. Chamo-me Tonito. Vim para a Casa do Gaiato quase com 3 anos e agora tenho 19. Trabalho na carpintaria, sou padeiro e agora estou também como chefe-maioral.

O chefe era o Luís e o sub-chefe o «Sprint»; mas eles tiveram de ir para a tropa, de maneira que fiquei eu chefe, o «Rebola» e o Lucas a sub-chefes. Assim a nossa vida está sempre a girar. Não é por irem uns para a tropa que a nossa vida vai parar. Eles tiveram quem lutasse por eles e nós também tivemos quem lutasse por nós. Agora chegou a nossa vez de lutar pelos mais pequeninos. E assim como temos de lutar pelos mais pequeninos, também temos de lutar pela vida fora. Não a fazer greves, mas a lutar pelo trabalho. O trabalho é que nos ajuda a vencer na vida.

Agora o nosso cuidado especial é o campo: tratar das árvores de fruto, das videiras e até das batateiras! E

é se queremos boa fruta e bom vinho e também boa batata que nos chegue para o ano inteiro!

O Lucas continua a sulfatar, enquanto o Abílio vai e pega no motor e na mangueira e numa enxada e vai regar as batatas que estão mortinhas de sede, para que dêem boa produção, para que não nos falte como há dias. O sr. Padre, quando soube da falta, foi chamar o Rocha para ir com ele, com uma enxada e um balde e foram andando, andando, até que chegaram ao Olival novo onde se encontrava um canteiro de batata muito boa e grande e trouxeram batatas para fritar para todos nós provarmos as batatas novas, fruto muito saboroso do nosso trabalho. Os mais pequenitos já se sentiam fartos de arroz com favas e todos os dias me perguntavam: «Hoje é batatas fritas?» E eu vou respondendo que não, que não podemos comer batatas fritas todos os dias. Foi só para provarmos a nossa batata nova.

Isto é mais uma prova de que os mais pequeninos gostam de coisas boas e entendem que têm direito a comer o fruto do nosso trabalho.

A vida toda ela vai bem e nós ainda andamos ocupados com as últimas Festas. E depois serão as férias à beira-mar, na nossa Casa da Praia de Mira.

Despeço-me de todos com um abraço e desejo que gostem disto que escrevi.

Tonito

Paço de Sousa

EXCURSÕES — Têm sido muitas as que nos visitam. Por dia, costumam vir quatro e seis excursões! Percorrem a nossa Casa toda. Gostam de nos ver trabalhar, desde os «Batatinhas» até aos mais velhos, nas suas oficinas. Muitas excursões ficam um dia inteiro connosco, gostando de partilhar com os mais pequeninos parte do almoço ou merenda.

Venham sempre, porque a nossa Casa tem muito que ver: oficinas, cozinha, refeitórios, Capela, piscina, etc. Uma infinidade de coisas. Venham sempre que nós estamos abertos a tudo e a todos quantos nos queiram visitar.

BOLAS — Ora, o nosso Grupo Desportivo já pode contar com 6 bolas novas. Cinco delas vieram do Porto, como já referi na edição anterior. Mas uma semana depois o sr. Emídio Alves, do C. D. José Alves, de Rio de Moinhos, também nos ofereceu uma bola de futebol. Muito obrigado. E votos de felicidades para a carreira futebolística do C. D. José Alves.

No dia 23/5 chegou carta de um nosso assinante de Baião que passo a transcrever:

«Amigos:

Já há uns tempos que não contribuo. Recebi hoje o jornal e aproveito para enviar um cheque de 500\$00 para ajudar a compra de uma bola de futebol.

Um abraço e até sempre.»

Muito obrigado.

Mas o problema não é só bolas — já o dissemos. O nosso Grupo também necessita de uns pares de chuteiras, de 38 a 41.

Aqui fica o pedido, com um antecipado muito obrigado por parte do Grupo Desportivo.

INSPECÇÃO MILITAR — Alguns dos nossos rapazes já se encontram a cumprir o serviço militar. Agora, foram à inspecção: «China», Franco, Carlos de Benguela e Sabino. Só um ficou livre: o «China».

Desta vez temos um marinheiro em Casa!

Desejamos a todos boa sorte, quando entrarem em serviço militar.

AMEIXAS — Quem visita a nossa Casa, pode ver as ameixeiras carregadas de ameixas. Bom sinal. Mas quando estiverem a amadurecer, dão sempre tentações... Mesmo agora já dão ao Félix, por exemplo... Se não nos der essa tentação, teremos a certeza de que, em nossa mesa, haverá muita fruta.

AULAS — Acabaram as aulas. Que alívio, principalmente para os mais velhos, alunos da noite! Estamos cansados. Tínhamos aulas desde as 19,30 h à meia-noite. Levantávamo-nos cedo. Dormíamos pouco. Os rapazes, de manhã, sentiam bastante sono. Era um castigo para se levantarem. No decorrer do ano lectivo, só se ouvia dizer: «Nunca mais acabam as aulas! Quantos dias faltam?» «Eh! Estou muito cansado!» Mas, para alguns de nós, que estudamos em Penafiel, ainda faltam os exames. Nada de desânimos! Vamos estudar para passar.

«Salsichas»



Ana Cristina e Ricardo Alexandre, filhos do José Adolfo.

Os Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

qualquer de nós nascido de uma semente ruim e criado num ambiente viciado?!...

Este caso é apenas um exemplo de situações análogas aos milhares.

Ainda ontem, no fim de uma reunião que nos gastou a tarde (Deus queira que para bem) uma Trabalhadora Social em Centro de Assistência no Porto, me procurou por causa de um miúdo de 9 anos, esparto, vivo e que, por isso mesmo, reage ao ambiente que lhe dão. A mãe vive com outro homem que a todos trata mal; mas ela, cega por ele, é a primeira a escorraçar o filho. O pai anda por lá com outra mulher, outros filhos. Há pai, há mãe... Mas menos traumatizante seria para o pequeno a orfandade, que é afinal, o seu estado efectivo.

Aqui de volta surgem constantemente apelos angustiados de Párocos para crianças e famílias que «viverem em situação material e moral miserável». «Afirmando que é um casal dos mais pobres da paróquia — diz um deles — não só a nível económico, mas a nível intelectual e espiritual. É difícil fazer-lhes entender que devem mudar de vida. Infelizmente ela é um pouco deficiente. Enfim, um caso que merece ajuda.»

Mas como ajudar, se os males são poço sem fundo?!

Ora vem aqui muito a propósito a actualidade das Conferências Vicentinas. Quem se atreve a dizer que elas fizeram o seu tempo?! Que já não há Pobres?! Há-os e de que maneira! A miséria económica é sabido que provém, a maioria das vezes, de desequilíbrios espirituais e morais. A essên-

cia da acção vicentina não é a esmola. É a presença, a participação em vidas desgraçadas para lhes levar a Graça. O Vicentino é, por vocação, um agente social. Podem faltarlhe técnicas, mas leva consigo o amor de Cristo que é a Fonte do seu dinamismo.

Aquela família que as primeiras cartas referem; estas daqui perto; milhares delas por esse país em fora — não necessitarão, porventura, algumas delas, de ajudas monetárias ou equivalentes, mas precisam, como do pão, de uma presença fraterna que, sem imposições paternalistas e sem pressa, vá actuando discretamente como fermento na massa e vá ajudando a transformar hábitos e ambientes doentes e sanando no próprio seio familiar males que se propagam como as epidemias.

A Caridade é muitas vezes subestimada, talvez por culpa de muita caricatura de que nós próprios, os cristãos, somos responsáveis. Porém, os nossos erros e deformações não invalidam todas aquelas notas

com que S. Paulo procura uma definição descritiva e nem ela mesma exaustiva: «A Caridade é paciente, é benigna; não é invejosa, não age precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus interesses, não se irrita; não suspeita o mal, não folga com a iniquidade, mas alegra-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

O que se poderá fazer com esta arma é provado pelo que se tem feito. Quem acompanha as crónicas do Júlio Mendes que todos os números de O GAIATO publicam, tem em suas mãos uma amostra. Movimenta-se muito dinheiro, sim;

mas mais importante é o movimento das almas que vão e partilham dores e lacunas e procuram remediar e remediavam mesmo.

Se em cada paróquia houvesse uma Conferência Vicentina viva, imaginativa, agindo com aquela Fé firme que o Evangelho afirma capaz de transportar montanhas, muito menos se recorreria a Casas como as do Gaiato, condenadas, de outra forma, à insuficiência, por mais que sejam e melhor que trabalhem.

Também por aqui passam os Direitos da Criança.

Padre Carlos

Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

A problemática das Viúvas tem uma acuidade que se perde ao longo da História, particularmente desde o início da era cristã.

A Mensagem libertadora de Jesus — como marco histórico — reflete-se imediatamente no trabalho revolucionário da Igreja primitiva. A Viúva adquire direitos de cidadania que ainda hoje não são completamente reconhecidos. Segundo o Apóstolo S. Tiago, «a religião pura e sem mácula aos olhos de Deus nosso Pai é esta: visitar os Órfãos e as Viúvas» (1, 27). Encarece a sublimidade da acção, como factor de promoção social das Viúvas, mas também de perfeição e purificação das comunidades cristãs nascentes.

O GAIATO foi sempre porta-voz destas mulheres sem-voz. Quantas páginas brilhantes dedicou Pai Américo aos seus problemas!

Agora, topámos um grupo da Diocese do Porto muito interessado na temática humano-espiritual das Viúvas de todos os estratos sociais; equipa inserida no Movimento Esperança e Vida, fundado em França, durante a II Guerra Mundial, com o nome de **Groupement Spirituel des Veuves**, por «algumas Viúvas novas que se reuniram no desejo de compreender o sentido e o valor da sua provação e mutuamente se ajudarem».

As nossas anfitriãs, com largos horizontes e consciencializadas pela fé, estão dispostas «a dar conhecimento do M. E. V. que só agora, nesta Diocese do Porto, está verdadeiramente a tomar corpo».

— O M. E. V. nasceu em França, está radicado em vários países. Nós temos aprendido muito com a acção das Viúvas belgas, francesas, espanholas, etc. Desejamos ser, aqui e agora, uma espécie de pioneiras. Já tomámos consciência do trabalho a fazer.

— Qual a razão de ser do Movimento?

— Na nossa sociedade a Viúva é uma pessoa marginalizada. Na generalidade, a mulher goza da situação social do marido. E faltando este, ela sofre... Este facto indiscutível pode levá-la a duas atitudes: isolar-se, refugiar-se na solidão, perder o contacto com a vida; ou procurar uma nova situação social, personalizando-se.

Ora é precisamente para ajudar a Viúva a não cair na tentação da primeira atitude, de

isolamento, mas sim na segunda atitude, de procura de si mesma, de encontrar o seu eu, e de enfrentar a vida; portanto, viver em todo o bom sentido humano e cristão — eis a razão de ser do nosso Movimento.

— Objectivos do M. E. V.?

— Em primeiro lugar queremos frisar que o Movimento é um lugar de passagem. Queremos dizer, não pretende vincular a Viúva ao Movimento com carácter associativo. Será um lugar acolhedor e fraterno no início. Um local de acolhimento para todas. Um local de Esperança, onde juntas nós possamos aprender a acreditar na vida e continuarmos firmes.

E uma delas concretiza:

— Uma vez, numa reunião da A. C. em França, depois da intervenção de algumas senhoras, surge o testemunho duma Viúva. Declara que, para ela, o seu marido continuava sempre vivo e que a sua viuvez se situava no prolongamento do seu matrimónio. A saída, exclama um assistente emocionado: — «Vós, as Viúvas, sois as verdadeiras testemunhas da Ressurreição!»

Aberta em leque, a partilha continua:

— A Viúva de um médico tinha um vida que era uma autêntica tragédia... Uma coordenadora do M. E. V. dá-lhe a mão. Ajuda-a. Fica radiante... Sim, quantas vezes nós estamos amarguradas! E temos de sofrer sózinhas, metidas no quarto, os traumas inerentes à mudança de vida...! A Viúva entra, normalmente, num período de isolamento e precisa de se abrir. Pois o M. E. V. está aberto a todas, de todas as condições sociais. Se soubermos agarrar esta cruz, a cruz da Viuvez, ela é mais suave. É uma ressurreição. A Ressurreição é a Esperança da Viúva. Já vivemos a cruz, já vivemos a morte. É esta purificação que nos leva a aceitar as Outras...

A traços largos, e na medida do possível, dialogámos sobre a origem, os objectivos, a organização, os meios d'acção e a documentação do Movimento. Vasta gama de matéria que procuraremos condensar, para que as Viúvas, em sentido de Igreja, se reúnam e possam caminhar sem desfalecimento, à luz da Fé; procurando o seu devido lugar no seio das comunidades cristãs.

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

O convite para tomar parte no II Congresso das Instituições Privadas de Solidariedade Social, veio recordar-nos a situação jurídica da Obra. O Lar de S. Domingos fundou-se baseado nos Estatutos do Património dos Pobres que, numa das alíneas, prevê todo e qualquer género de Assistência. Agora, porém, torna-se indispensável dar-lhe outra forma. Mais parágrafo, menos alínea, não vai alterar o nosso estilo de vida. Norteados pelo Evangelho e por normas ditadas e vividas por Pai Américo, temos aberto as portas a todo o rapaz que, sem possibilidades económicas, deseja aprender uma arte.

Assim tem sido, com excepções para aqueles casos aflitivos em que é preciso valer a um, ou outro, com idade de frequentar a Escola.

Últimamente aconteceu isto com o Oliveira, de quem falámos nas últimas notícias. Não vamos agora contar a sua história... Só te digo que o Oliveira, a altas horas fez parar o carro da Polícia em serviço nocturno, a pedir-lhes para dormir na esquadra, naquela noite. Intrigados com o caso, fi-

zeram mil perguntas e levaram-no. Disse-lhes toda a verdade que, em resumo, foi: O Oliveira, franzino, com 11 anos miudinhos, não podia... dormir na sua cama habitual. Houve depois processo no Tribunal que nos pediu para ficar com ele. Agora tem de ir à Escola, são precisos livros, é preciso roupa, é preciso calçado. Houve já um passeio escolar e o Oliveira trouxe um papel para assinarmos e colaborarmos e autorizarmos a ida dele. Enquanto íamos, os olhos do Oliveira fixavam-nos com insistência, à espera do sim, ou não. Dissemos que sim e demos logo dinheiro para a viagem e mandou-se preparar o farnel. A amabilidade da senhora Professora devolveu o dinheiro, mas o Oliveira foi ver o mar.

Alguém respondeu à primeira notícia e mandou um donativo para o rapaz. A carta, que vinha cheia de interesse pelo Lar de S. Domingos, dizia que o Oliveira era símbolo de Paz e fazia votos para que os leitores dispensassem o carinho que merece uma criança.

Padre Duarte

Novos Assinantes de «O Gaiato»

A procissão avança com entusiasmo!

Logo à cabeça uma coluna de 87 novos leitores de Oliveira do Douro, 182 da Trofa e 149 de V. N. de Famalicão, angariados pelo nosso Padre Carlos no fim das Missas onde comentou a Palavra de Deus e se referiu à Obra da Rua e a O GAIATO.

Mais 37 novos leitores de Olhalvo e Merceana. E Almeirim e Santarém, com 16. São produto de muito interesse pela expansão de O GAIATO.

A correspondência transbordada de boas notícias e de muita juventude!

Tomar:

«Venho fazer-me assinante de O GAIATO. Tinha conheci-

mento da Obra, só não sabia da existência do jornal.

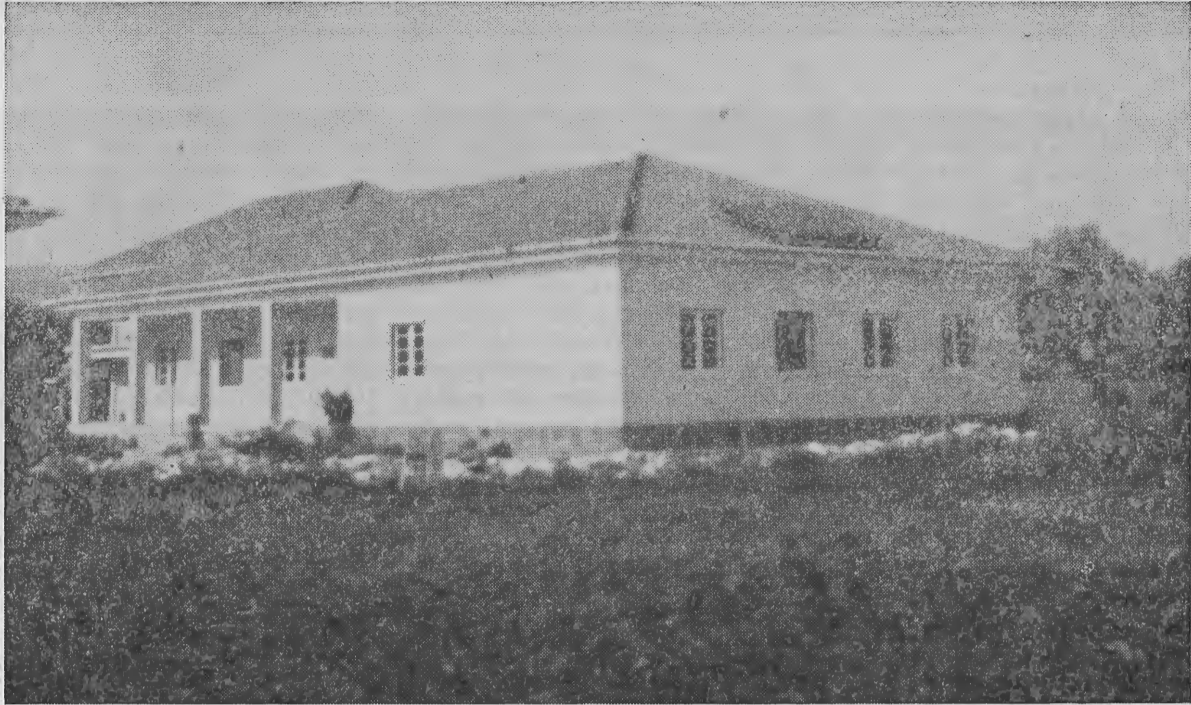
Há poucos dias entrei numa casa, li O GAIATO e, a partir dessa altura, lancei mãos à caneta, agradecendo-me informem as condições da assinatura.

Sou pasteleiro. Tenho 28 anos. No Algarve fui animador de um grupo de jovens cristãos. Frequentei um curso de Catequese e, antes de vir para Tomar, era catequista em Silves».

Viseu:

«Sou há anos leitora de O GAIATO, de que meu marido é assinante. Liam os meus fi-

Cont. na 4.ª página



A nova moradia do complexo habitacional da nossa Aldeia em Santo Antão do Tojal; última de um sonho feito realidade!

AQUI, LISBOA!

Jamais se varreu da mente o quadro. Iamos, ao tempo, pelo Hospital de S. José, ver doentes. Um dia deparamos com um jovem de cerca de 20 anos no seu leito de morte, sofrendo amargamente. Por ter sido preterido pela moça que namorava, em favor doutro, acto de desespero, impensado, resolveu tomar um pesticida e pôr, assim, termo à vida. A agonia dolorosa e consciente daquele jovem, de rosto esquelético e ainda imberbe, impressionou-nos fortemente. «Porque é que eu fiz isto?», foram palavras claras que lhe retivemos, como que numa reprovção, à mistura de profundo arrependimento, pelo acto praticado. Paz à sua alma.

Vêm os eventos acima assinalados a propósito da onda de suicídios relatada pelos periódicos e de outros de conhecimento directo, em todas as idades e nos variados sectores eco-

nómico-sociais. O mais impressionante é que, segundo a Organização Mundial de Saúde, apenas 20% das tentativas de suicídio são provocadas por males psíquicos, enquanto 70% das mesmas são consequência de atitudes «deliberadas», reflectidas e conscientes, com uma lógica interior específica e muito subjectiva dos indivíduos em questão.

Deixando para os filósofos, sociólogos, psicanalistas e psiquiatras a explicação das causas do suicídio, nem sempre muito concordantes, queremos referir, à laia de apontamento, os suicídios na adolescência e na juventude e nas idades avançadas.

Crianças de tenra idade — ainda há pouco os jornais deram conta do caso passado em Lisboa com uma menina de 12 anos — e jovens na flor da vida, sem razões aparentes, atentam

frequentemente contra a existência. São oriundas de todos os estratos sociais, dado que o suicídio é profundamente democrático. Por falta de segurança, descompensados em referência a si próprios, sem modelos capazes, e descompensados em relação ao meio social envolvente, sem identidade assegurada, faltalhes um sentido verdadeiro para a existência e por uma posição filosófico-existencial precoce, embora difusa, acabam por concluir que o que existe não conduz a nada.

Em França, entre 1950-1976,

os suicídios entre os jovens dos 15 aos 19 anos e os das pessoas com idades entre os 25 e os 29 anos subiram 30%. Em Portugal não dispomos de elementos, como de costume. Nos Estados Unidos, em 1977, suicidaram-se mais de 1.000 adolescentes, ocupando o suicídio o 10.º lugar como causa da morte; nos países do Norte da Europa o suicídio ocupa o 5.º lugar. As pessoas, sem um sentido de vida mais elevado e transcendente, sofrem as consequências duma civilização materialista e tentadas todas as experiências que a vida pode oferecer, nada mais restando porque nada mais se admite, vêm-se lançadas na lógica do suicídio. Como se diz na revista Hospitalidade, dos Irmãos de S. João de Deus, «a crise de valores morais e o materialismo da vida nas suas mais variadas expressões impedem a verdadeira realização do homem e são a causa de muitos distúrbios mentais e psicológicos que conduzem facilmente ao suicídio».

Importa aqui referir que, não sendo os adolescentes já crianças mas não tendo atingido ainda a maturidade dos adultos, se encontram numa situação propícia para o aparecimento da lógica do suicídio. Sem exemplos, no período de tensão natural em busca da sua própria identidade, facilmente encontrarão compensações na delinquência, na droga e em outras experiências dolorosas, sem respostas tranquilizantes ou satisfatórias, que os poderão levar ao suicídio. Só em famílias equilibradas e dialogantes, onde o amor e o exemplo imperem e a fortaleza de ânimo não falte, se encontrará o ambiente pro-

pício a uma educação capaz, na partilha progressiva das responsabilidades, pelo assumir simultâneo do binómio direitos-deveres, que personaliza e enriquece. Mas não basta haver famílias à altura. Se as estruturas sociais não oferecerem soluções justas para os problemas, desde uma educação escolar salutar e valorizante até à possibilidade de emprego a curto prazo, a família, só por si, não poderá arcar com todas as responsabilidades. Não esqueçamos, porém, que sem uma visão sobrenatural da vida o homem não encontrará a sua verdadeira dimensão. Para os cristãos o homem encontra a sua verdadeira razão de ser em Deus, pois n'Ele está o seu princípio e o seu fim: despistado de Deus, o homem fica sem perspectivas e sem razões para viver, dado que, longe do Alto ficará entregue a si mesmo.

Falemos finalmente da Terceira Idade. Nunca, como hoje, os anciãos foram votados à solidão. Afastados pelos outros, acabam também por se alhear deles. E a vida exige comunicação e diálogo; é necessário conviver. A solidão, gerando a timidez, aumenta por influência desta, à maneira de círculo vicioso. Não admira, pois, que os índices de suicídio, em países de alto nível de vida, atinja os escalões mais elevados. É que não basta possuir os bens materiais mais sofisticados ao dispor de cada um; sem a presença dos valores humanos e do espírito, o homem será reduzido a uma coisa sem sentido e o suicídio será uma solução lógica, porque perdida toda a esperança de amor.

Padre Luiz

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Cont. da 3.ª pág.

lhos e, agora, os netos. Há dias, um que tem dez anos, disse-me que também gostava que lhe mandassem O GAIATO para ele.»

Almada:

«Sou mãe do pequenino assinante 30134. Junto a morada e nome de um pequenino que gostaria de receber o vosso jornal. É filho de um colega de trabalho.»

V. N. de Famalicão:

«Por vários motivos despertou-me o interesse e comecei a ler O GAIATO.

Numa página li várias cartas sobre a «Campanha de assinaturas».

Lembrando-me de que poderia ser mais uma nova assinante — e mesmo arranjar mais assinaturas, no futuro — peço o envio de pormenores, pois não vi no jornal o montante a enviar anualmente.

Há bastante tempo que me interessa profundamente pela vossa Obra, inclusivé assistindo aos espectáculos que têm realizado em V. N. Famalicão.

Sou uma jovem que espero contribuir ainda mais...»

O que aí vai de gente nova, graças a Deus!

Continuando a focar imagens da procissão, topamos no desfile uma Esposa de Coimbra, inscrevendo o marido instalado em Tábua, «pois infelizmente estamos praticamente a viver separados». Concluindo: «A vossa Obra é um dos esteios da minha fé, nas horas mais difíceis».

Só mais um quadro sugestivo, do Porto:

«Em tempos fui assinante de O GAIATO. Por vários motivos deixei de o ser, há já alguns anos. Mas sempre me lembrei de O GAIATO com muita estima e apreço e, dadas as circunstâncias presentes me permitirem, peço a partir de hoje me considerem novamente assinante do vosso jornal.»

No meio da procissão há novos leitores de Lisboa, Por-

to, Coimbra, Mealhada, Castelo Branco, Paredes, Reriz (Castro Daire), Marco de Canaveses, Braga, Carnaxide, Gualtar (Braga), Tondela, Águas de Moura, Estarreja, Linda-a-Velha, Campo (Valongo), Oeiras, Odivelas, Póvoa de Varzim, Gondomar, Cova da Piedade, Tavira, Guimarães, Porto de Mós, S. Martinho do Bispo (Coimbra), S. Pedro do Sul, Caldas da Rainha, Paredes, Valadares (Gaia), Funchal, Vila Real, Guarda, Costa do Valado, Aveiro, Ílhavo, S. João da Madeira, Vila do Conde, Miramar, Oliveira do Hospital, Olhalvo, Ois da Ribeira (Águeda), Tomar, Setúbal, Cacém, Olhão, Faro e Vila Real de Santo António. Newark (Estados Unidos) e Osna-bruck (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

NOTAS DA QUINZENA

Continuação da PRIMEIRA página

tem o marido desempregado e passam fome lá em casa. Choram as duas, quando dizem que os filhos choram por elas chorarem quando nada têm para lhes dar de comer. Costumavam vir cá por causa do leite em pó e de umas roupinhas. Agora trazem mais uma novidade. A que está casada, diz que vai ter que sair da casa onde está e não tem para onde ir. Pede para lhe arranjarmos uma casa vazia do Património dos Pobres, lá na sua aldeia. Eu, ainda mal rodado nestas andanças, vou ter com o nosso Padre Carlos para ele deitar uma mãozinha. Resposta também pronta: — «Temos tanto a ver com as casas de cada paróquia como com os misseis da China! Isso é com o pároco». Nunca mais vou esquecer a lição! Aliás, duas lições. Também não sabia que a China tinha já misseis! Quando trouxe a resposta, as duas mulheres ficaram contentes. Deviam ser amigas na pobreza ou na desgraça. O pároco iria dar-lhe a casa, sentiram elas. Sorriram e não choraram mais!... Uma casinhã para tantos filhos, não será um direito? Direitos chorados e descobertos pela força da muita necessidade: «Onde irei pôr os meus filhos, tão magrinhos?...»

Padre Moura

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 40.000 exemplares